EDUCAÇÃO e TECNOLOGIA

Revista do Instituto Politécnico da Guarda

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Propriedade
Instituto Politécnico da Guarda

Director
Álvaro Bento Leal

Redacção
Serviços Centrais do I.P.G.
Av. Dr. Francisco Sá Carneiro nº 50 * 6300 Guarda
Telef. (071) 220 111* Telecópia (071) 222690

Composição
Centro de Audiovisuais e Publicações

Execução Gráfica e Impressão
Secção de Reprografia do I.P.G.

Periodicidade
Semestral

Tiragem
1.000 ex.

Depósito Legal
nº 17.981/87

nº XIX * Fevereiro 1997

Capa: Laboratório de Geotecnia da ESTG

Desafios da evolução

O Instituto Politécnico da Guarda tem matizado o percurso, e o seu progresso, através da capacidade em formar profissionais qualificados, preparados para as solicitações constantes, e diferenciadas, dos tempos modernos.

E essa capacidade tem passado, naturalmente, pelo empenho na criação de um corpo docente estável, assegurando uma mentalidade aberta e cooperante entre os vários sectores e níveis do Instituto, aproveitando, simultaneamente, os recursos ao nosso alcance.

Neste contexto não poderia deixar de mencionar o estreitamento de relações com outras instituições de ensino superior, de que tem resultado uma colaboração directa dos seus recursos humanos; podemos, a título de exemplo, falar, nomeadamente, da Universidade de Coimbra e da Universidade da Beira Interior.

Actualmente, e ainda nesse plano, estão abertas novas perspectivas que passam pela cooperação com a Universidade Pontifícia de Salamanca, e as quais se vão reflectir através da Escola Superior de Educação.

A ESE assinala, no corrente ano lectivo, o seu décimo aniversário, efeméride que, justamente, tem vindo a ser realçadas; Escola Superior a que se abrem, com as previstas alterações da Lei de Bases do Sistema Educativo novos desafios, aliás emergentes da necessária evolução.

Álvaro Bento Leal
Presidente do IPG

A COMPLEXIDADE DA PARTICIPAÇÃO DO ALUNO NA AULA, SEGUNDO ALGUNS INVESTIGADORES

António Jorge B. Rabaça Fraga *

Lundgren (1978, p. 25) refere que os professores, durante a aula, além de falarem mais frequentemente que os alunos, utilizam mais tempo quando o fazem. O mesmo autor assinala que geralmente a "actuação dos alunos fica limitada a pequenas frases que formam respostas óbvias, as quais são interpretadas pelo professor como testemunho de aprendizagem (ou não aprendizagem) e ainda mais da capacidade de aprender ou não aprender. Deste modo, o conhecimento é transformado em método para controlo desse mesmo conhecimento".

Por outro lado, aquele autor retrata a complexidade da participação do aluno do seguinte modo: " o aluno não só tem de conhecer o assunto e a maneira como o professor o define, mas também tem de saber e reconhecer a forma de perguntar e de responder a esse assunto" (Lundgren,1981, p. 7).

Segundo Nizet (s/d), perante o comportamento excessivamente rígido por parte do professor, o aluno tem as seguintes hipóteses de reacção:

Revista "Educação e Tecnologia", Vol. XIX, Fevereiro de 1997.

* - Prof. Adjunto na E.S.E.

estratégias do aluno	autónoma	(positiva)/aceitação
	dependência	(negativa)/ oposição e/ou retraimento

Se a turma contrariar (com oposição) o professor, este vê-se obrigado "a reduzir as exigências disciplinares ou de aprendizagem".

No entender do autor "retraimento é uma atitude que ao aluno custa menos do que a oposição, porque ele é menos aparente, mais oculto e torna portanto mais difíceis as réplicas do professor" (p. 95).

No entanto, Postic (1989, p. 189) menciona que "a relação pedagógica funciona bem, quando o próprio professor sente também necessidade de uma ajuda recíproca do aluno". Segundo este autor, professor e aluno, cada um por seu lado, "procuram o que corresponde a uma imagem ideal de parceiro". Quando surge alguma agressividade tanto de um lado como do outro, é para preservar o seu "EU", pois só se é agressivo por medo.

Nizet (s/d, p. 79) refere que "os alunos na classe são rivais, ora aliados ora beligerantes para poderem afirmar-se aos olhos dos outros, e aos seus próprios olhos". Segundo o mesmo autor, as relações informais da turma contribuem para se criar uma solidariedade entre os alunos, um sentimento de "nós", oposto ao dos "outros". Na escola, os "outros" são os professores, os responsáveis escolares e os alunos que desempenham o papel de autoridade. Devido ao comportamento dos alunos escapar muitas vezes ao cálculo racional dos professores, é que surgem os problemas disciplinares.

Leontiev (1976, p. 120) refere que a "consciência" deve ser considerada como um movimento interno particular produzido pela actividade humana, e que nesta os elementos psíquicos são indissociáveis". Acrescenta ainda que a acção de "unidade da actividade humana aparece fundamentalmente pela natureza social do psiquismo humano e sentido racional para o homem, que quer ter uma actividade orientada".

Segundo Gómez (1983, p. 95), "a actuação do aluno é em larga escala condicionada pelo pensamento. Este por seu turno além de ter em consideração a realidade envolvente é uma construção subjectiva fruto de vivências pessoais num processo permanente de assimilação e acomodação de sucessivos intercâmbios com o meio".

Wittrock (1986) teve o mérito de agrupar, no seu trabalho "Students Thought Process", os mais importantes estudos realizados até então no referente às diversas ópticas do aluno.

A valorização do aluno como foco de análise, começa na última década a adquirir importância progressiva e só agora assume actualidade plena, com o início da definição dos contornos das investigações do porvir.

Assim, Tousignant e Brunelle (1982, p. 12) consideram "as respostas dos alunos como variáveis mediadoras que ajudam a compreender como se desenrola o ensino e como ocorre a aprendizagem". Por seu lado, Van Lier (1988) afirma que a "etnografia é o meio mais útil de estudar os fenómenos na aula, e os investigadores deverão tentar aprender o significado dado aos conhecimentos pelos próprios participantes" (p. 17).

Allwright (1984) deixou de observar o modo como os professores corrigiam os erros dos alunos, passando a interessar-se "pelo modo como conjuntamente professores e alunos determinam o nível de participação do aluno nas actividades da aula, e pelos modos como os diferentes contributos dos alunos para a interacção da aula afectam o programa que o professor tenta ensinar" (p. 20).

Outros investigadores passaram a olhar a aula como um contexto, permitindo o estudo do modo como o movimento pode ser enriquecido através de contributos de toda a espécie de atitudes e comportamentos dos intervenientes do acto educativo.

São de salientar neste caso as revistas estrangeiras da especialidade, que ultimamente têm dado um grande impulso na abordagem e divulgação dos estudos que se têm feito nos vários cantos do globo.

A abordagem da psicologia social, na óptica de Postic (1989), centra-se no estudo que tem por fim "pôr em prática uma estrutura de funções, pelo jogo de interdependências, e de complementaridades, e interessa-se agora pelas determinantes dos comportamentos do docente e do aluno nas suas interacções, repondo-os na estrutura social e cultural da situação pedagógica, e examinando as forças colectivas que se exercem" (p. 50).

Acrescenta ainda que este contributo é necessário para evidenciar os mecanismos de funcionamento sobre os quais se pode exercer uma acção de mudança: modificações do sistema escolar, das estruturas pedagógicas e dos docentes (p. 51).

Bibliografia

ALLWRIGHT, R. L. (1984) "Why don't learners learn what teachers teach ?" "The interaction hypotesys"; In D. M. Singlenton e D. G. Little (eds.), Language learning in formal and informal contexts. p. 3 - 28. Dublin: I.R.A.A.L.

GÓMEZ, Angel (1983): "Paradigmas contemporaneas de investigacion didáctica" en Gimeno Sacistan, J. Y.; Pérez Gómez, A. (Dir.): La enseñanza. Su teoria y su pratica, Madrid, Akal, pp. 95 - 138.

LEONTIEV, Alexis (1978) O desenvolvimento do Psiquismo. Lisboa: Ed. Horizonte.
LUNDGREN, U. P. Mendonça A. & PEDRO, E. (1978) "Breve introdução à avaliação em Educação" G.E.P., Lisboa.
NIZET, Jean (s/d) "O aborrecimento dos jovens na Escola", Presses Universitaire de France.
POSTIC, Marcel (1989) "O imaginário na relação Pedagógica" Edições Asa.
TOUSIGNANT, M. & BRUNELLE, J. (1982) "What we have learned from students and how we can use it to improve curriculum and teaching", in M. Piéron & J. Cheffers (Eds.), Studying the Teaching in Physical Education. Liege, AEISEP, pp. 3 - 22.
WITTROCK, M. (1986) "Students" Thought Processes, in M. Wittrock handboock of Research on Teaching, third edition, New York, Macmillan, Publishing Company, pp. 279 - 314.
VAN LIER, L. (1988) The Classroom and the Language Learner. London: Longman, p. 17.